

ESTUDO FGV

Emprego formal puxa crescimento da classe média

● Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas aponta que crescimento do emprego no País coloca 51,89% dos brasileiros nessa faixa

A classe média já representa mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias, que agora ocupam es-

ta faixa, foram as grandes beneficiadas pela estabilidade macroeconômica e pelo aumento do emprego formal. É o que revela o estudo "A Nova Classe Média", divulgado, on-

tem, pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Segundo a pesquisa, hoje, há maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há

seis anos. Desde 2002, a participação dessa faixa social na população economicamente ativa aumentou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões pesquisadas. **NEGÓCIOS** P.1 E 7

PAÍS COM NOVA CARA

Emprego amplia classe média

Dois estudos divulgados ontem, pela FGV e o Ipea, apontam para a redução da pobreza no País

Rio. A classe média já representa mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam esta faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade macroeconômica e pelo aumento do emprego com carteira assinada.

É o que revela o levantamento "A Nova Classe Média", divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Segundo a pesquisa, hoje há maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

Desde 2002, a participação da classe média na população economicamente ativa aumentou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

O economista Marcelo Nery, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da PME para traçar um retrato da atual classe média e sua evolução nos últimos seis anos.

Ele aponta como um dos principais fatores que contribuíram para inflar esta faixa de renda a expansão nos empregos com carteira assinada.

Símbolo

"A carteira assinada é o grande símbolo da classe média", sentenciou. O fenômeno é dissociado dos efeitos de programas assistenciais, como o Bolsa Família, por exemplo. "Na verdade, a nova classe média é aquele segmento do meio, que cresceu muito nos últimos anos: o grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho", afirmou.

Menos miséria

Esse aumento no número de pessoas empregadas pode ter influenciado uma redução nos índices de pobreza e de miséria, nos últimos seis anos, também revelado pela pesquisa.

"Na verdade, o levantamento apresentou um cenário positivo também no combate à desigualdade", afirmou o economista da FGV. Os dados da análise

mostraram o desenvolvimento do Índice de Gini, que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita.

O valor do índice varia de 0 a 1, sendo que 0 significa que não há desigualdade e 1 representa um cenário onde a desigualdade é máxima, ou seja, apenas um pequeno grupo detém toda a renda da sociedade. De abril de 2002 para abril deste ano, o Índice de Gini passou de 0,62 para 0,58.

O economista comentou que a participação das famílias na faixa da miséria, com renda próxima de zero, no total da população pesquisada caiu de 34,93% para 25,16%, nos últimos seis anos.

Indicadores melhoram

"Estamos com uma boa safra de indicadores sociais, nunca antes vista". Nery comentou que um dos pontos fracos apontados pelo levantamento foi a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários. "An-

tes tínhamos uma crise de desemprego; hoje temos um apelo de mão-de-obra", disse o especialista. A pesquisa revelou ainda que a renda média domiciliar total da população pesquisada para o levantamento saltou de R\$ 1.784,08 para R\$ 1.956,9 de abril de 2002 para abril deste ano - um aumento de 9,6%.

Classes A e B mais ricas

Nos últimos seis anos, a participação das classes A e B (família com renda superior a R\$ 4.59 mensais) também aumentou nas seis regiões metropolitanas passando de 11,61% para 15,52%.

Já a participação das famílias de classe mais baixa, que ganham menos de R\$ 1.06 por mês, caiu de 46,13% para 32,59% da população. **o**

Continua na página 7

o Comente
economia@diariodonordeste.com.br

A opinião do especialista



MARCELO NERY*

Bolo está crescendo

Em termos mais gerais, os dados do levantamento apontam continuidade da queda da miséria e a expansão da chamada classe média observada depois do fim da recessão de 2003. O ritmo de redução da desigualdade, observado desde 2001, não dá sinais de arrefecimento, sendo comparável em magnitude absoluta a da famosa concentração de renda ocorrida nos anos 60, época do milagre econômico brasileiro. Já o crescimento da renda média mantém o ritmo dos anos anteriores, resultado do período anterior, apesar da desaceleração observada em países desenvolvidos, e nos EUA em particular. Em suma, o bolo continua crescendo com mais fermento nas classes mais pobres, atingindo a mais de cinco anos, combinação inédita na história estatisticamente documentada brasileira. ■

*Economista e um dos coordenadores da pesquisa "A Nova Classe Média" da Fundação Getúlio Vargas

MOBILIDADE SOCIAL**Classe média em alta, pobreza em queda****O que aconteceu, em quatro meses, com quem...****...estava em jan / 08 na miséria:**

Continuou lá = 67,60%

Foi para a classe D = 16,50%

Foi para a classe média (C) = 14,50%

Foi para a elite (classe A ou B) = 1,50%

...estava em jan / 08 na classe média (C):

Permaneceu na classe C = 84,60%

Caiu para a classe D = 7,00%

Caiu para a classe E = 3,70%

Subiu para a elite (A ou B) = 4,70%

Segundo pesquisa da FGV, 32% saíram da miséria em quatro meses

Mês	População miserável (%)*	Fatias da classe média (%)	Desigualdade (pelo Índice de Gini**)	Renda domiciliar (R\$)
abr / 02	34,90	44,20	0,6270	1.784,00
abr / 03	37,10	42,50	0,6284	1.628,00
abr / 04	37,10	42,30	0,6258	1.568,00
abr / 05	32,60	46,70	0,6036	1.705,00
abr / 06	31,60	48,60	0,6011	1.770,00
abr / 07	29,10	48,90	0,5963	1.886,00
abr / 08	25,20	51,90	0,5844	1.957,00

Definição das classes sociais

Por renda domiciliar total

Pobre (classe E)	Remediado (D)	Classe média (C)	Elite (A e B)
Abaixo de R\$ 768	De R\$ 768 a R\$ 1.064	De R\$ 1.064 a R\$ 4.591	Acima de R\$ 4.591

* Parcela nas seis principais regiões metropolitanas brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife

** Índice que vai de zero a um e, quanto mais próximo de um, maior a desigualdade

FONTE: CPS / IBRE / FGV, COM BASE NOS MICRODADOS DA PNE / IBGE

ASCENSÃO**51,89%**

é a participação da classe média na População Economicamente Ativa. Em 2002, esta fatia era de 44,19% em seis regiões metropolitanas

ENTRE 2002 E 2008

3 milhões saíram da pobreza em seis anos

Continuação da capa

Brasília. Pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que 3 milhões de pessoas saíram da pobreza nas seis principais regiões metropolitanas do País entre os anos de 2002 e 2008.

Foram pesquisadas as cidades de Recife, Salvador, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

A taxa de pobreza nessas seis regiões caiu de 32,9% para 24,1% no período. As pessoas consideradas pobres em 2002 eram 14,352 milhões e agora somam 11,356 milhões. O número de novos ricos aumentou 28,1 mil entre 2002 e 2008. Em 2002, as pessoas consideradas ricas nas seis regiões correspondiam a 448,4 mil. Agora, em 2008, somam 476,596. Apesar disso, a participação de ricos no total da população nessas seis regiões metropolitanas permanece estável em 1%.

Para a pesquisa, o Ipea define como pessoas pobres aquelas que têm renda per capita igual ou inferior a meio salário mínimo (R\$ 207,50). As pessoas ricas são aquelas pertencentes a famílias cuja renda seja igual ou maior do que 40 salários mínimos (R\$ 16,6 mil).

"O Brasil está deixando de ser um país de pobreza absoluta para ser um país de pobreza



◉ DIMINUIÇÃO DA POBREZA reflete o resultado do crescimento econômico do País FOTO: THIAGO GASPAR

PERFIL SOCIAL

Efeitos do crescimento (%)

Ano	Pobres	Indigentes	Ricos
2002	32,9	12,7	1,0
2003	35,0	13,7	0,8
2004	33,4	12,6	0,8
2005	30,2	10,4	0,9
2006	27,1	8,3	1,0
2007	25,2	7,3	1,0

Pobres - Renda familiar per capita até R\$ 207,50 (meio SM)

Indigentes - Renda familiar per capita até R\$ 103,75 (um quarto de SM)

Ricos - Renda familiar total a partir de R\$ 16.600 (40 SM)

FONTE: IPEA, COM BASE NA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO DO IBGE

relativa, diminuindo a distância entre o topo e a base da pirâmide", afirmou o presidente do Ipea, Marcio Pochmann.

Segundo ele, a diminuição da taxa de pobreza nessas seis regiões metropolitanas, que correspondem a 1/4 da população brasileira e 2/5 do Produto Interno Bruto (PIB) reflete o resultado do crescimento econômico, com maior número de empregos e renda. Na avaliação de Pochmann, os programas de transferência de renda também contribuíram para esse resultado, assim como o aumento do salário mínimo. Ele ressaltou, no entanto, que a pesquisa capta basicamente a renda oriunda dos rendimentos do trabalho e a aposentadoria.

Segundo o presidente do

❖ Pessoas pobres em 2002 eram 14,3 milhões e agora somam 11,3 milhões

Ipea, a pesquisa mostra que os ganhos de produtividade não estão sendo repassados ao salário. "É preciso estar atento para o fato de que o mundo do trabalho ainda não é capaz de repassar ao trabalhador parte significativa dos ganhos obtidos nos últimos ganhos", disse. Isto porque, segundo ele, os ricos estariam "capturando" o crescimento da produtividade. A região metropolitana de Belo

Horizonte foi a que apresentou a maior queda no número de pessoas pobres. A taxa de pobreza caiu de 38,3% da população, em 2002, para 23,1% da população em 2008.

Por outro lado, Recife e Salvador apresentaram as maiores taxas de pobreza: Recife com 43,1% e Salvador com 37,4%.

A pesquisa também mostrou avanço maior na redução do número de indigentes nessas seis regiões metropolitanas. Em 2002, 5,5 milhões de pessoas eram consideradas indigentes e em 2008 caiu para 3,123 milhões. ■

Comente

economia@diariodonordeste.com.br

OPINIÃO DO ESPECIALISTA



FLÁVIO ATALIBA *

Queda da desigualdade influenciou

Os resultados apresentados tanto pela pesquisa do Ipea como pela FGV, divulgados ontem, apontam a redução consistente no número de pobres no Brasil. Essa redução é explicada em parte pela queda significativa da desigualdade de renda assim como pelo crescimento econômico verificado nos últimos no País. Além do

mais, deve-se adicionar a essas tendências, a influência positiva que as políticas sociais, focadas mais diretamente sobre a população mais pobre, especialmente os programas de transferências, que tiveram início no Governo FHC e foram ampliados no Governo Lula. Um outro ponto importante nesses estudos, e que pode explicar a tendência favorável nos números apresentados, está associada ao retorno da educação que passa a apresentar seus primeiros resultados. Pode-se afirmar que a melhoria da educação no país é fruto de uma significativa preocupação iniciada na década de 1990 e que agora começa a se traduzir num aumento de renda produzindo a ampliação da classe média. É de se esperar que se tivermos uma melhoria na educação de forma mais significativa teremos resultados muito mais importantes nesses indicadores num futuro próximo.

* Pesquisador do Caen-UFC